

DO

CONSERVATORIO.

N.º 15)

Publica-se todos os Domingos.

(Março. 15, 1840.

QUESTÃO THEATRAL.

 caba de me ser entregue o n.º 57 do *Periodico dos Pobres no Porto*, e encontro nelle um *Communicado* inscripto *Questão Theatral*, em que seu A. pertende responder ao artigo por mim feito publicar no *Jornal do Conservatorio* n.º 12, e no *Director* n.º 635 relativamente á questão excitada á cerca da adjudicação da empresa do Theatro Nacional do Porto á Sociedade *Carradori*. — Intendo que me cumpre voltar ao assumpto, não por que no *Communicado* se allegue uma unica razão, que possa destruir o que eu deixei historiado ou reflectido no artigo a que se allude, mas por que o auctor do *Communicado*, á mingua de razões, pertende fazer insinuações perdidas e caluniosas que devem ser rebatidas.

No que respeita á questão em si mesma, contento-me de pedir aos leitores que cotejem o artigo por mim assignado com a resposta, que no *Communicado* se presume dar-lhe; e julguem depois: a sentença não hade ser duvidosa, por que em o *Communicado* se prova que seu A está possuido da mais exclusiva parcialidade.

Entretanto para que a má fé não me argúa de esquivar-me á questão, tomarei em conta algumas considerações especiaes.

O *Communicado* intenta fazer acreditar de falsa a minha asserção de que a Delegação do Porto fôra consultada, pedindo-se-lhe informações e esclarecimentos, que habilitassem a *Commissão encarregada do exame das estipulações & dos Theatros Nacionaes*, a dar o seu parecer sobre as propostas, que tivessem logar para a Empresa do theatro de S. João. A minha resposta é que o que affirmo é um *facto*, e o auctor do *Communicado* pode desenganar-se da verdade da sua existencia, recorrendo ao archivo da *Delegação do Porto*, ou do *Conservatorio Geral*, onde existe a consulta da Delegação, comprehendida em oito observações.

Porem tal consulta [insta o *Communicado*] não dizia respeito á *adjudicação do subis-*

dio, mas versava somente sobre providencias geraes para melhor e mais conveniente adjudicação da Empresa. — Esta instancia do *Communicado* diz mais do que era necessario para justificar plenissimamente o proceder do *Conservatorio Geral*, e demonstrar que elle obrou cabalmente informado. Nem ao *Conservatorio*, nem a ninguem que seja deve importar qual é a Sociedade ou individuo a quem o subsidio tem de ser adjudicado; o que lhe deve importar tão somente é — se a Sociedade ou individuo offerece uma proposta ventajosa, e se apresenta *garantias* assaz seguras, que affiancem o fiel desempenho das condições a que se obriga. Crejo que não haverá quem não concorde na verdade desta proposição. E que fez o *Conservatorio*? Informado á cerca das providencias que se deviam adoptar para a melhor e mais conveniente adjudicação da Empresa, e examinadas as propostas *Carradori* e *Lombardi* — conheceu que a que mais vantajosamente satisfazia ás providencias exigidas era a proposta *Carradori*, a qual ao mesmo tempo se prontificava a dar todas as seguranças necessarias &c. Que devia pois fazer o *Conservatorio*? o que fez — preferir á Sociedade *Lombardi* a Sociedade *Carradori*. — Que diria o A do *Communicado*, se o *Conservatorio* preferisse *Lombardi* a *Carradori*, provando-se que *Lombardi* não se prestava ás exigencias apresentadas pela Delegação no Porto, em quanto que a ellas se sujeitava *Carradori*? Então sim, então sobejava-lhe razão para arguir o *Conservatorio*: mas arguil-o por ter feito o que, sem injustiça, e sem manifesto agravo da Delegação não podia deixar de fazer, — é cegueira — é culpavel parcialidade.

O A do *Communicado* faz-se cargo de dous dos fundamentos em que o *Conservatorio* baseou a preferencia dada á Sociedade *Carradori*, e diz que o 1.º — evitar o monopolio das Empresas — não procede, por que pouco importa o monopolio com tanto que se dêem ao publico bons espectaculos. — Quem assim discorre, quasi que não merece resposta; mas uma breve observação. O monopolio das empresas ceda sempre em prejuizo do publico, seja qual for a natureza dessas empresas; e is-

to materia tão sabida que fôra perder tempo desenvolvê-la, e até nos dispensamos de fazer applicação da doutrina geral a este objecto em particular, por que além de ser obvia —ahi estão desgraçadamente aos olhos factos que a evidenciam. — O que se quer é *os melhores espectaculos* isto é — que o publico seja mais bem servido. — Concordo. Mas por quem é de esperar que seja o publico mais bem servido, senão por quem se lhe obriga, com as necessarias garantias, a mais aventajadas condições?

Pelo que respeita ao 2.º fundamento — prioridade da proposta *Carradori* — o A do *Communicado* dá-se por satisfeito de dizer que — « é a primeira vez que vê attender-se em um concurso a qual dos dous concorrentes se apresentou primeiro. » — Para esclarecimento dos leitores bom será que recordem o que se disse no artigo por mim publicado em n.º 12 deste Jornal, e ja alludido, pois que o A do *Communicado* maliciosamente confunde aqui o estado da questão. — Agora em quanto a esta coarctada observarei, que, admitindo o que se assevera, a saber — que as duas propostas *em tudo estavam igualadas*, não restava nenhum outro fundamento para preferir uma á outra, senão a da prioridade da sua apresentação. E' evidente que sem injustiça não se podia preferir uma proposta mais moderna [e feita fóra do tempo legal] a outra mais antiga, quando *em tudo* esta era *igual* áquella. — Ao menos o A do *Communicado* poupou-nos mendigar razões para combatel-o: a si proprio se refuta.

Em fim o A do *Communicado* não podendo deixar de conhecer a *nimia debilidade* das razões em que se escorava, recorreu á arma dos fracos — as insinuações calumniosas, e atreve-se a dizer que — *motivos occultos fizeram pender a balança do Conservatorio a favor da sociedade Carradori*. — Em presença desta *infamia*, achamo-nos na dura necessidade de esclarecer algumas allusões que fiz com todo o melindre no meu por vezes ja alludido artigo. — E' certo que se diligenciou que *motivos occultos* fizessem pender a balança do Conservatorio; mas a favor de quem? — a favor da Sociedade *Lombardi*!! Citarei o testemunho do proprio Sr. *Lombardi*, e elle que digase é ou não verdade que se dirigiu a um dos membros do Conservatorio Geral, e lhe disse que o accusavam de gabar-se de que *com dinheiro* venceria as difficuldades que a proposta da Sociedade *Carradori* oppunha a que lhe fosse dada, a elle *Lombardi*, a Empreza do Theatro do Porto? — Diga mais o Sr. *Lombardi* se é ou não verdade, que esse membro do Conservatorio lhe respondeu, que effectivamente se tinha divulgado aquella voz, e que

era muito a proposito, até para credito delle Sr. *Lombardi*, que a desmentisse formalmente por via de uma carta publicada em todos os jornaes da Capital? — Diga em fim o Sr. *Lombardi* — se é ou não verdade que ficou neste acordo, e que todavia tal carta [ao menos que eu saiba apezar de ler regularmente os jornaes mais conhecidos] nunca appareceu? —

Eu não sei, e por isso estou longe de o asseverar, que o Sr. *Lombardi* offerecesse dinheiro para alcançar o que pertendia; mas o que sei, pois até disso se fez menção em Sessão publica do *Conservatorio*, é que passou por fóra de duvida que por parte do Sr. *Lombardi*, se tinha alardeado que o *dinheiro* lhe faria adjudicar a Empreza do Theatro de S. João do Porto, — e que por ahi por essa Lisboa havia quem designasse os individuos, a cuja disposição se afirmavam postas diversas sommas.

Concluirei que são por modo futeis as considerações produzidas pelos impugnadores da resolução do Conservatorio Geral, e respira tal parcialidade o que por parte delles se escreve a este respeito, que cada vez mais nos convencemos de que convirá por ventura que as Delegações do Conservatorio sejam consultadas, mas não que se deixe á sua definitiva resolução decidirem negocios da natureza do que se tracta.

D. J. L.

BIOGRAFIA

Julia Grisi.

Essa terra tão abundosa de artes e sciencias, a bella Italia, não têm cessado á largos annos de produzir os mais ricos fructos. Ainda bem se não desprende do horisonte a esteira de luz que após si deixaram fulgorantes astros, já outros planetas se vêm surgir no horisonte dispartindo raios de pura claridade. Um dos que mais ha brillhado nestes ultimos tempos, fazendo as delicias dos que assaz afortunados têm sido para o contemplar, é Gsulietta griste! — Esboçemo a carreira artistica dessa admiravel cantora.

Julia Grisi nasceu em Milão, a 23 de Julho de 1811, de um official engenheiro do reino d'Italia. Desde mui tenros annos mostrou feliz disposição para a musica, contribuindo o decidido gosto com que toda a sua fami-

lia cultivava esta donosa arte a entretel-a em sua inclinação, e a desenvolver-lhe o talento musico. De compleição debil e delicada, alterava-se-lhe a saúde com a minima applicação; de maneira que ja contava onze annos quando Julia começou a aprender a tocar piano; estava então no convento das *Mantelette* em Florença aonde permaneceu até á idade de quatorze. Os progressos que fez no piano durante os tres annos que esteve no convento, a voz que já então mostrava, e os triumphos de sua irman mais velha, *Giudita*, que acabava de debutar no theatro, decidiram seus paes a fazer-lhe tomar lições de canto; e para que podesse entregar-se regularmente a esse estudo, mandaran-a para Bolonha aonde devia ficar em companhia de seu tio o coronel Ragani, casado com a *signora Grassini*, bella e nobre cantora das festas do grande imperio, a qual Napoleão conquistára em suas campanhas d'Italia, e que tanto afformoseou os sarãos de *Saint-Cloud* e das Tuilerias. O coronel Ragani lhe deu logo por mestre o douto *Guglielmi*, filho do celebre compositor, o qual todo se dedicou á educação musica de Julia. Finalmente depois de trez annos de lavor e estudo, em 1828, appareceu a donzella na scena pela primeira vez debutando em Bolonha com o papel de Emma da opera *Schmira*. As felizes disposições que mostrou na representação d'esse pequeno papel, a formosura e graças de sua pessoa, e a sua extrêma juventude produziram no publico a maior impressão; o seu debute obteve incontestavel triumpho, e a direcção do theatro a escripturou immediatamente para o carnaval do anno seguinte.

Em 14 de Julho de 1829 cantou pois a joven Grisi como *prima donna*, apár dos cantarinos Spada, Moncada, e Regoli em muitas operas taes como *Lo sposo di provincia* do mestre Mililotti, *Il Barbieri*, *Trovaldo e Dorliska*, &c. Per toda a Italia se espalhou logo a fama dos obtidos successos, e os impresarios se disputaram a qual possuiria tão rica prenda. O director florentino foi quem venceu na lide, e Julia appareceu em Pergola representando na *Julietta e Romeu* de Vaccai, na *Ezia* do mestre Celli &c.

Em 1830 cantou no *Tancredi* fazendo o papel de *Amenaide*, na *Vestal* de Piccini, e em Ricardo e Zoraida a par do celebre tenór David. No mesmo anno cantou em Pisa, contribuindo efficazmente para a curiosa festa da *Luminara*.

Tantos triumphos, e tão justamente collidos, a tornaram digna de subir como *prima donna* ao theatro da *Scala* em Milão, e logo Piccini se deu com toda a diligencia á composição de uma opera expressamente para a sua voz, foi *Il Corsaro*. Depois *crou* Ju-

lia o papel de Adalgisa em a *Norma* de Bellini.

Foi nesse mesmo anno que *Giulietta* travou relações com Madame Pasta, representando ambas na *Anna Bolena*; Pasta lhe deu mui salutareos conselhos, e lhe disse um dia: — Quero pagar-vos tudo quanto vossa tia fez por mim, porque vos julgo digna de succeder-nos. — O que prova quanto estas expressões eram sinceras e dictadas por um coração nobre é, que, na ultima representação de *Othello* no *King's-Theatre* de Londres em 1837, Madame Pasta applaudiu mui repetidas vezes Julia Grisi, a qual terminada a peça foi ao seu camarote agradecer-lhe tão gloriosos suffragios.

Os acontecimentos desastrosos, que, em 1831, poseram em confusão uma parte da Italia, appartaram *Giulietta* da scena; de improviso deixou a *Scala* e Milão um dia em que devia cantar na *Anna Bolena* fazendo o papel de lady Seymour.

Em 1832 tornou de novo a apparecer esse astro que mystheriosas nuvens haviam encubrido, e foi em Paris que elle espalhou os seus luzeiros.

Ligeireza e facilidade até nos pontos mais elevados, hardidez e fecundissima imaginação no improvisar das *fioriture*, singular conhecimento da scena, formosura de rosto, graça de meneios e movimentos, eis o que justifica o enthusiasmo que mostraram os Parisienses quando pela primeira a viram no *Theatro-Favart*.

Os rapidos progressos que *Julia* fez desde essa epocha, e de que Paris e Londres foram testemunhas, são devidos em parte ao talento de imitação que ella possui e summo gráu. As proprias palavras da grande artista nos convencem de que, é a imitação do *bello* o seu character distinctivo: — Preciosas são taes descubertas, porque nos ensinam a dirigir a attenção para aquelle ponto aonde todas as faculdades da cantora se concentraram; e disse ella, a proposito de Madame Pasta: — "*Jo la rubava ascoltando-a*. Em Bolonha e Florença *Grisi* visitava todas as manhas Madame *Boccabadati*, não só para melhor colhêr os segredos da arte, mas tambem para convidal-a a ensinar-lhe quanto esta sabia. Madame *Boccabadati* satisfazia os nobres desejos da donzella, sem nada reservar, e com a mais cordeal sinceridade.

Em 1833 *Grisi* desempenhou com igual esmero, os papeis de *Semirames*, *Anna Bolena*, *Desdemona*, &c. Tocou então o seu talento o mais alto cume da perfeição como cantora e como tragica; e todas as grandes qualidades de artista que a enfeitam, ainda mais lhe avultam pelo desinteresse, urbana corte-

zia, e generosidade de suas acções. Dellas citaremos alguns exemplos:

Em 1834 Grisi cantou gratuitamente em cinco diferentes concertos, e todos na mesma noite. No grande festejo d'York cantou quatorze treixos de variadas musicas, e cujas letras eram parte em latim, parte em inglez.

Quando *Julia* comprou o palacio de Vauresson, onde actualmente habita seu pae, assignalou a posse com um rico presente que fez á Igreja da freguezia: — uma meza sancta, e balustradas de ferro para as capellas lateraes.

Per occasião do incendio do Theatro Italiano em Paris, em testemunho do apreço em que tinha o muito que fizeram os bombeiros, a generosa cantora fez entregar-lhes a somma de 500 francos.

Conta um jornal, que em Londres *Julia* Grisi costumava receber, havia muito tempo, um certo numero de guinéos por cada representação. Chega *Madame Malibran* e se ajusta por quarenta guinéos de mais cada noite. No anno seguinte, com mui nobre orgulho de grande artista, recuza *Julia* ir a Londres por menos do que se havia dado á sua illustre rival; obstina-se e tudo consegue: todavia para prova de que o desinteresse lhe egualava a consciencia do proprio merito, mandava todos os dias distribuir pelos pobres os quarenta guinéos que recebia de mais.

Todos sabem que em 1838 foi *Julia* Grisi nomeada *Directora honoraria vitalicia* do hospital de Vest-minster, em reconhecimento dos valiosos serviços que seu talento prestou áquelle estabelecimento de charidade.

Julia Grisi é uma formosa mulher, em toda a extensão da palavra, e ainda mais graciosa. Possui a mais profunda intelligencia da Scena, e sabe subjeitar o canto a mil inflexões delicadissimas e variadas. Sua voz, dotada de inrivel facilidade de vocalisação, executa quanto de mais arduo e difficil imaginou a arte, mas com tal perfeição, tal encanto, e tão sem custo ou esforço, que a *diva* todos enthusiasma, e todos exclamam que só ella é capaz de tanto.

Com quanto o talento de *Julia* especialmente consista em abalar com força o coração e excitar as paixões, com tudo sabe modelar-se pelo que exige a situação, e com dulcissima voz, e com a graça que é só della derrama per toda a vossa alma um arrôbo de prazer, que vos leva ao extasi. Cessou de cantar, e julgáes ainda ouvi-la:

E la dolcezza ancor dentro ti suona.

Quando porem, dominada pela situação deixa levar-se de suas energicas facultades, quando o coração se lhe exala em accents apaixonados, quando obedece ao impulso das suas inspirações, quando esse dramatica pe-

tencia que per todo o sêr lhe circula chega a expandir-se em torrentes de canto; finalmente quando ella se amostra grande cantora, e consummada tragica; oh! então é que ella é admiravel e sublime, então é que toda a expressão de louvor desmerece do seu talento; então finalmente é que se lhe deve applicar o verso de *Alighieri*:

Grisi su l'attre come aquila vola.

D. Mondo.

THEATRO PORTUGUEZ.

Esta época de transição, em que até a sciencia, e litteratura soffrêrão tamanho abalo, não era possivel, que sómente a arte dramatica permanecesse estacionaria, que resistisse ao desejo de mudança e melhoria, espirito do seculo presente. A revolução e progresso universal tambem devia tocar-nos, força era que seguíssemos o exemplo, que nos fora dado, e que da luz do nosso aperfeiçoamento social reflectisse algum clarão sobre o theatro portuguez. E na verdade se no resto da Europa a arte dramatica sempre acompanhou o andamento da civilisação, sendo talvez difficil de determinar qual d'ellas abre caminho á outra, não é certamente em Portugal, que a experiencia fallece.

Em quanto jaziamos na ignorancia e barbaridade, nenhuns passatempos conhecião nossos avós; se pouco a pouco se foram introduzindo alguns recreios, n'estes se espelhava ao vivo o espirito d'aquelles tempos cavalheirescos, e as justas e torneios não erão mais do que uma similhança dos combates e das batalhas, tão frequentes no decimo terceiro, e quarto seculo. Com os progressos da civilisação tiverão bom acolhimento novos divertimentos, que nos trouxerão os mouros e os judeos, e com a dança e canto, com momos, entremezes, fôras, e guinolás, *D. Affonso VI.* e *D. João II.* abrilhantarão os sarás da sua côrte. Por este tempo começãrão-se a compôr algumas comedias; o espirito religioso havia succedido ao genio guerreiro, e as escripturas derão o assumpto aos primeiros auctores; farsas ridiculas em que não duvidavão pôr em scena os mysterios mais sagrados da religião, forão os primeiros passos da arte ainda sem força.

Foi *Gil Vicente* o primeiro poeta dramatico, e a fórma do conhecimento do latim, espanhol, francez e italiano, era-lhe estranha á litteratura; nem rastos apparecem nos seus dramas das obras dos antigos dramaticos, e

d'aquí vem a falta d'actos e d'unidade com que deparamos em seus autos; a Biblia era o seu livro; os entes mais sagrados os seus Actores. E se acaso declamassem hoje em algum theatro esses Dramas, poucos haverião, que entendessem a linguagem, mistura de castelhano e portuguez, ou estimassem em muito as scenas soltas e sem nexos, que tanto promoverão o riso de nossos avós. Mudámos, e talvez para peor; pois que eu não sei qual seja preferível, se aquelles antigos autos extravagantes no enredo, mas ricos d'admiraveis lances comicos, e cuja linguagem era verdadeiramente nacional, se estes modernos entremizes escriptos em frase incorrecta e chula, recheados de chocarrices, que não podem agradar a ouvidos delicados.

E com acerto diz o Sr. Trigozo n'uma memoria sobre o theatro portuguez, fallando das Obras de Gil Vicente. « Quando julgamos os antigos Dramaticos apezar das lições dos sabios e do fructo da experiencia de muitas idades, não somos talvez de todo isemptos de prevenções; conhecemos mais a inverosimilhança d'aquelles dramas, que são destituídos das tres unidades, do que conhecemos o que quasi sempre se segue da escrupulosa observação das mesmas unidades, e sabemos melhor vestir os nossos actores com os trajes proprios do seu paiz e do seu seculo, do que represental-os com os seus verdadeiros costumes, e com a sua propria maneira de vida. » Parece que o illustre academico antevia a necessidade da nova escola dramatica.

Na arte dramatica nunca Portugal pôde hombrar com os mais paizes; tal sempre tem sido seu triste fado! Se enumeramos insignes poetas nos outros ramos da poesia, n'este é-nos forçoso abatter bandeiras. Assim como descobrimos nova derrota para ganhar aquelles paizes da Asia, e d'este achado sómente se aproveitarão os estrangeiros, assim em tempos remotos appareceu um Ferreira, que fez surgir na Europa civilisada o genio da tragedia; e nós satisfeitos com abrimos novo caminho aos poetas das mais nações, parámos no que de véra de ser o incentivo da cultura e aperfeiçoamento da nossa litteratura dramatica. Se um Gomes, um Xavier ainda enriquecerão nosso theatro, são quaes scintillantes estrellas em céo nebuloso; não temos uma serie de auctores dramaticos, como possui a frança, a allemanha, e a inglaterra. Ficámos por muito tempo sepultados em noite obscura, saciando nosso máo gosto com entremizes ridiculos, e comedias, em que são desprezados todos os preceitos do gosto.

Onde as armas imperião, as letras não dão saberoso fructos, e esta talvez seja a cau-

sa da principal decadencia do nosso theatro de 1820 até agora. Entregues todos aos negocios publicos, não havia quem cultivasse as artes; tudo quanto não tinha relação com a politica era votado ao esquecimento, e dest'arte foi-se empobrecendo o nosso theatro, ao passo que os estranhos se aperfeiçoavão. Não havia bons actores porque ninguem queria seguir uma profissão envilecida pelas prevenções d'aquella epocha; a muito custo ainda pisavão o palco scenico homens que passavão o dia trabalhando com o martello, ou sentados na tripeça. E quem haveria que compuzesse dramas para taes actores? quem se sujeitaria a vêr recitada por elles alguma obra filha de muitas noutes de trabalho, e de estudo? Ninguem. Algumas traducções toscas, e mal feitas erão as unicas composições de que vivia o nosso theatro; e cujas funestas consequencias forão a introduccão d'uma linguagem bastarda, e mesclada de portuguez e francez.

E n'este misero estado jazia o nosso theatro quando teve logar a restauração; n'estes poucos annos, que a seguirão, varias forão as tentativas para restituil-o a seu antigo esplendor, mas forão baldados todos os exforços; foi continuando a incorrecção no fallar, e a má escolha dos dramas. Os poucos, que erão originaes portuguezes, melhor fóra que nunca os tirassem a publico, pois que não erão mais do que um triste reflexo dos medonhos successos da nossa guerra civil. O theatro do salitre era o unico regular de Lisboa, e este mesmo que mais se assemelhava a uma baiuca, do que a um lugar de recreio publico, só era frequentado pela classe infima da sociedade; alli as graças mais obscenas erão unicamente applaudidas, os ditos mais deshonestos os que melhor soavão áquella platêa. No bello theatro de S. João da cidade do Porto não era mais feliz a arte dramatica. A selecção dos dramas estava a cargo de homens indoutos; a execução d'essas mesmas peças era confiada a uma companhia que mais do que uma vez apresentou em scena actores embriagados. Parecia que o nosso theatro já estava arquejando nos ultimos arrancos, e que para finir-se o misero só esperava pela morte d'aquelle que ainda o presenteára com uma obra prima, qual ultimo canto do cisne. Mas a este nosso grande poeta tambem estava reservada a gloria de ressuscital-o, e levantar aquelle antigo e já arruinado edificio das nossas glorias litterarias.

Entre a alluvião de leis, que desle o começo da nossa revolução inundou Portugal, uma passou desaperebida, talvez taxa-la ainda d'injusta e despotica, e todavia ella salvou a arte dramatica da sua completa ruina: fallou da lei que estabeleceu a inspecção do thea-

tros. Este cargo só podia ser committido ao auctor de Catão, e grandes louvores devemos dar nós, os amadores desta arte, a quem fez tão acertada escolha.

O Sr. Garret entendeu o mandado com vistas mais largas; só lhe haviam encarregado inspecionar os theatros, elle resolveu dar-lhes vida; havia sido nomeado para conservar restos, que ainda existião, elle determinou formar com estes mesquinhos cabedaes um novo edificio, começar nova era theatral. E não foi sómente com preceitos, que trabalhou para tal reforma; mas sim deitou mãos á obra abrindo caminho, que ha muito ninguem se atrevia a trilhar, pois que ao genio maduro, e confiado em suas forças, cumpre sacudir o jugo inveterado das preocupações. Lançou mão de alguns actores ainda mal ensaiados, que um estrangeiro havia amestrado a recitar mal pessimas traducções, e lhes entregou, como victima para o sacrificio, um drama composto por elle. A impaciencia, e genio do poeta dobrou o cantor do Camões a ensaiar pessoalmente a linda comedia, *um auto de Gil Vicente*; a delicadeza do homem cortez forçou elle a soffrer submissa as intrigas de bastidores, que só avalia quem de perto as conhece. Mas tantos trabalhos teve por bem empregados quando universaes applausos amostrarão ao auctor de Catão o apreço, em que todos tinham aquella nova obra, e os cuidados que lhe devere a sua execução.

Seja-me perdoado querer eu, mesquinho engenho, juntar mais uma folha aos louros, que ha muito cingem a frente d'este nosso poeta; mas estes ainda são poucos para quem foi de tanta valia á scena portugueza. Da representação do Auto de Gil Vicente data uma nova epocha theatral; é a meta que separa nosso theatro antigo do começo da sua restauração. As palmas dadas a esta comedia repercutidas em muitos corações forão uma farsca, que despertou no peito da juventude portugueza o estro dramatico; muitos exclamarão:

Anch'io son pictor
e levantando a luva, que lhes fôra lançada, accetarão o desafio, e quizerão ter seu quinhão na gloriosa justa, que lhes abria o cantor de D. Branca.

Quem escrupulosamente analysasse o Auto de Gil Vicente, talvez encontraria alguns defeitos, depararia com algumas scenas menos dramaticas, com falta de nexo e ligação entre esta; mas quanto acima destes pequenos descuidos transluz a pureza doestilo, e a linguagem tão limada e portugueza; melodiosa musica soando a nossos ouvidos quasi esquecidos d'ella. Quanto não são para admirar os pensamentos finos e delicados, os ditos jocosos, que esmaltão esta comedia! Não tem a força dos conceitos,

o esplendor das idéas de Victor Hugo; carece talvez do enredo forte, e arrebatador de Alexandre Dumas, porém enxergamos neste drama a perfeição e interesse de Casimir Delavigne, a agudeza e engenhosa critica de Molière. Não é raio lançando um clarão, que cega e desaparece, mas sim mimoso brilho, placida luz, em que os olhos descansão gostosos.

A. B. [C. L. de Coimbra]

MADEMOIZELLE RACHEL.

Vinde filhas de Melpomene, vinde para nós, phalange intrepida, sagrado choro; sublime Athalia, bella Hermione, apaixonada e triste Andromacha, irada Phedra, terna Amenaide; vinde todas vós, ó virgens dos antigos tempos, mulheres inspiradas, heroicas amantes, formosissimas rainhas; deixae fluctuar as alvas tunicas e os compridos véos, obedecei sem reserva aos impulsos do coração, ás inspirações do poeta; deixae cahir algumas dessas lagrimas que escaldam e fazem que outros olhos chorem e outros corações suspirem; deixae arfar o niveo seio á mercê das paixões, como a vaga embatida dos ventos! Cinja a vossa pura frente o rutilante diadema de rainha, ou o virgineo festão se enastre em vossos cabelos; brilhem os vossos olhos com divino falgor; na mão se vos veja luzir o tragico punhal; e o fogo da paixão allumie todas as nobres falas e magestosos versos. Dáe livre sabida de vosso peito a todos os affectos, a todas essas tão variadas impressões, de amor, ciúme, vingança, ironico orgulho, odio vivaz e profundo. Finalmente, restitui-nos a tragedia antiga, a nós que tão fatigados ja estamos do moderno drama. Ressuscite por vós a tragedia, e se alevente mysteriosamente do tumulto como a sombra de Juliëtta. Oh! restitui-nos a bella e pura tragedia, exprimida com verdade, com alma, calor, energia, paixão, e ao mesmo tempo com ar simples e verdadeiro, sem pomposas declamações, sem gritos e gestos ridiculos! —

Rachel! — Nome doce, nome biblico, que nos faz remontar o pensamento aos tempos patriarchaes, que nos faz scismar em Noemis e Rebeccas! Feliz Rachel, tu foste certo predestinada qual outra Esther, para libertares o teu povo do jugo do chamado *Romantismo*! — Gloria a ti, Rachel.

Mademoizelle Rachel, a joven actriz do theatro classico, não é precisamente uma linda mulber, é cousa de maior valia. — Uma flor que apenas desabroxa é a admiravel donzella, ardente, animada, cheia de expressão

e puro fogo, dotada de intelligencia que revela, e traduz com energia profunda e apaixonada todos os sentimentos da personagem que representa, mas com tal concerto, e naturalidade, que o espectador permanece arrebatado, e admira toda essa verdade tragica. Além disto Mademoizelle Rachel: possui outra qualidade que é bem rara e preciosa, uma qualidade negativa, uma qualidade que ella não tem; — Rachel não possui o dôm das lagrimas, por que o não conhece, por que não sabe exprimir, com verdade pratica, as varias impressões do amor, por que ainda a natureza lhe não revelou esse doce sentimento. É um virgem coração que espera; é a lampada de Vêsta. Feliz Rachel — mais feliz mil vezes o futuro revelador!

Mademoizelle Rachel debutou em 1838 no *Theatro Francez*, e tem sempre colhido os maiores applausos na representação das obras primas de Corneille e Racine.

CHRONICA THEATRAL

Theatro Normal. — Historiar do que se passou em o nosso Theatro Normal durante a passada semana, é coisa que, segundo a primeira vista se affigura, nenhuma difficuldade envolve; tudo se reduz a falar de um só objecto — *O homem da máscara negra*. — Convirêmos que esse novo drama encheu todo o theatro, e prendeu todas as atenções; mas não estamos pela facilidade do assumpto, e provamos a nossa asserção com o silencio que guardamos, não ousando ainda, ou antes não nos julgando por ora tanto ao alcance do objecto, que delle possamos tratar com sizuda madureza e perfeito conhecimento de causa, como elle proprio reclama.

Digam o que quizerem os que de tudo ratham e nada acham a seu sabor; digam o que quizerem, que nós não receíamos votar pelo bom desempenho do novo drama. Sim; relativamente aos meios do nosso theatro, e até sem que seja preciso recorrer a comparações de tempos, pôde dizer-se que os actores do Theatro Normal comprehendem os seus papeis, e pela maior parte os desempenharam bem. No Sr. Epifanio talvez não haja a notar senão haver-se mostrado alguma cousa frio na 1.^a scena do 2.^o acto, conversando com sua amante, que á pouco recuperára, com tão pauzado animo co-

mo se com ella houvera vivido trez annos em boa paz matrimonial. Este actor tem contudo muito porque seja leuado per todo o correr da peça, e na scena da prisão mostra-se mais que bom actor. — O papel da Snr.^a Talassi é o que os Francezes chamam *un rôle ingrat*; mas a Snr.^a Talassi delle tira o partido que pôde. — Quanto á Sr.^a Emilia, já em nosso numero passado dissemos o que pensavamos do seu representar: esta artista subiu um alto degrau, e muito tem que agradecer ao *Máscara negra* pelo quanto a exaltou: na ultima Scena em que a Senhora Emilia se precipita na prisão toda banhada em alegria, toda cheia de alvergoço, e como infada, n'essa ultima scena se mostra a Snr.^a Emilia *grande actrix*! — Quem tanta disposição mostra para o theatro deve esmerar-se por que não tropece em pequenos obstaculos, que muitas vezes bastam para deslustrar brilhantes qualidades. A Snr.^a Emilia deve pôr todo o seu cuidado na *recta pronuncia*; em todas as representações d'esta peça tem-se-lhe notado algumas palavras que não são pronunciadas como se requer, como por exemplo — *desispeção, dercito, golpis* &c. — O Sr. Epifanio em vez de *larras* de um volcão, tem pronunciado *larras*: julgámos ao principio que era lapso de lingua, mas o erro tem continuado a repetir-se. — O Sr. Vanez váe bem no seu pequeno papel, bem como o Sr. Victorino.

Tem continuado a ir á scena a farça *Quem tem maxélla, tudo lhe dá n'ella*; o Sr. Sargêdas tem ahi desenvolvido muito e muito chiste. —

Theatro de S. Carlos. — Com muita impaciencia era esperado pelos frequentadores deste theatro o domingo 8 de Março; pois que os dias que deccorrêram desde a ultima representação, com quanto não tivessem sido muitos, houvéram de parecer seculos áquelles, cujo peito se dillata e enbrandece, e cuja emaginação se eléva e sublima ao escutar as inspirações de Meyerbeer, Belini, e Donizetti. Deste ultimo Maestro foi a opera que primeiro veiu ao encôntro dos nossos *dilletanti*; pois que teve logar no dia 8 a reppetição da *Fausta*, que ja tinha sido cantada em S Carlos por dois Storti e por Magioroti. Esta opera está longe, segundo a nossa opinião, de ser das melhores de Donizetti; e no primeiro actos peccialmente notámos muita frieza, e falta de movimento e vida, parecendo-nos que a maior parte das melodias tinham pouca novidade, sabendo a Rossini por extrêmo: exceptuarêmos o final que faz bom effeito, e tem alguma novidade. O 2.^o acto o julgamos muito melhor sendo para especializar o dueto de *Fausta* e *Cryspo*, e a aria de *Constantino*.

Em quanto á execução poderêmos affir-

mar sem medo de sermos desmintidos que não foi ella nesse dia muito para contentar, e bastantemente inferior á que da mesma peça se tinha ouvido noutro tempo. — Melhor foi nos dias immediatos; porém assim mesmo não é a Fausta opera que assim representada, se conserve por muito tempo.

Na quinta feira deram-nos em vez della os Puritanos; e segundo a nossa opinião muito ganhou o publico na troca; pois que esta optima peça de Bellini nunca pôde deixar de enlevar a quem apprecia uma tam donosa combinação do sentimental, sublime, e apaixonado. É em verdade encontra-se nos Puritanos o sentimentalissimo das outras operas de Bellini reunido a muita sciencia musical; e ás inimitaveis melodias do maestro se ligam nesta sua ultima peça as harmonias, que fazem o lustre dos Mestres allemães.



THEATROS ESTRANGEIROS.

MILÃO — R Theatro da Scala — Em a noite de 15 de Fevereiro depois de tantos ensaios, tantas alterações, e tantas profecias tristes e alegres appareceu finalmente = Os *Corsarios* — opera do Signor Mazzucato [auctor da *Esmeralda*]; a sorte lhe foi adversa. — Mas como era a musica? perguntará alguém. ... A musica é um capricho optimo talvez para Piano, e que Listz. haveria executado admiravelmente. Bom para nós (Italianos) que ainda esta vez poderemos dizer com o poeta.

Pur vinse la virtù dell'armonia! ...

Bom para nós a quem o publico com a sua desaprovação solême salvou do perigo em que nos consideravamos de que inexpertos introduzissem na Italia musica tam barbara, e que reunido tudo quanto de mais duro usam os mestres francezes e tudescos, sem que possua o inspirado, grandioso, e douto, que distingue a musica delles. -- A desarmonia de uma dupla orchestra [cantantes, e tangedores], um confuso fragor de trômpas, trombões, violinos, e contrabassos, que diversamente gritam, retumbam, sibilam ... tentaria em vão pugnar contra a melodia italia-

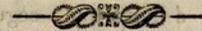
na que Paesiello, Rossini e Bellini vestiram de simples divino e immaculado manto. — Dirias que eram os demonios de Milton assaltando o cen ... O maestro sem duvida cahirá em si, pois que nos deminutissimos pontos em que havia algum canto, aonde os ouvidos não eram rebatidos despiedadamente por sons ingratos e dillacerantes, aonde finalmente não se era forçado a negar que se estava na Italia, e que por tal arte se escrevesse na terra consagrada á harmonia, os intelligentes e imparciaes applaudiram sinceramente.

[*IL Pirata*]

ROMA --- Foi ultimamente á Scena uma nova opera do *maestro Ricci* intitulada — *Chi dura vinse* — obteve muitos applausos, agradou a todos sem excepção.

ARGEL. --- Em a noite de 14 de Janeiro representou se a opera *Belisario*, foi acolhida com o maior entusiasmo. Nelle representaram as senhoras *Irene* e *Leva*, e os Senhores *Gerli* e *Zoni*.

ATHENAS. --- Foi á scena a opera *Lucia*: daremos uma relação circumstanciada deste espectáculo.



Theatro de S. Carlos.

Margo 15 — Domingo — Irá novamente á Scena a opera — *Otello*. — Dança — O Triumpbo d'amor.

Segunda feira 16 — Beneficio do 1.º Baixo Lucio Mariani — opera — *Otello* — Dança — Os Portuguezes em Tanger. — Em um dos intervallos, O beneficiado e Mr. Ferretti cantarão um Duetto de Elisa e Claudio.

Terça feira 17 — opera — *Otello* — Dança — O Triumpbo d'amor. — Repete-se o Duetto de Elisa e Claudio.

Quinta feira 19 — Grande Galla, festejo do anniversario da Constituição de 1833. — opera — *Otello*, e uma nova Dança de Mr. Astolfi intitulada — Os Mineiros de Salerno.



Typ. de Luis Correia da Cunha.

Costa do Castello N.º 15.